

# Covid-19: Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade



**Informação de qualidade para aperfeiçoar as políticas públicas e salvar vidas**

## Nota Técnica No. 17

A fome persiste nas comunidades ao lado do aumento de novas dimensões da violência. A descrença nas decisões de flexibilização do distanciamento físico dificulta a contenção da pandemia

### **Nova rodada de consulta a lideranças de comunidades vulneráveis revela:**

- O aumento da violência doméstica se torna problema flagrante e cada vez mais grave nas comunidades.
- A segurança alimentar continua sendo o principal problema dos mais vulneráveis.
- Cresce uso de entorpecentes e as situações de conflito com a polícia.
- Oito em cada 10 entrevistados indicaram que a flexibilização do distanciamento físico terá impactos negativos em seus territórios, sendo recorrente a percepção de que aumentará o contágio e tenderá a piorar os efeitos da pandemia.
- O aumento da procura por cestas básicas se dá ao mesmo tempo em que diminuem a distribuição e as doações.
- Dificuldades financeiras atingem com força pequenos comerciantes que não se beneficiaram do auxílio emergencial ou de políticas alternativas de proteção.
- A percepção sobre os impactos negativos da flexibilização das medidas de distanciamento social indica movimentos contraditórios da população: 27,6% das menções negativas enfatizaram o medo do contágio da população, enquanto 20% dessas menções salientaram a descrença da população na gravidade da pandemia.
- Quase metade das lideranças (47%) não confia na capacidade dos governos locais de garantir a segurança da população na implementação das medidas de flexibilização do distanciamento físico.

## Introdução

Este Boletim traz resultados da terceira onda de coleta de dados do *Painel de monitoramento com lideranças comunitárias sobre os impactos do avanço da pandemia do Covid-19*, realizado pela Rede de Pesquisa Solidária. O registro regular de informações sobre os principais problemas que as populações mais vulneráveis enfrentam com a pandemia ajuda o poder público e as próprias comunidades a gerenciar risco e a antecipar crises.

A Rede ouviu, identificou e sistematizou problemas críticos relatados por lideranças de 75 comunidades, bairros e territórios de alta vulnerabilidade social em diferentes regiões do país. Para este Boletim, foram contatadas as mesmas lideranças das duas ondas anteriores do monitoramento consolidadas nos Boletim # 7 e # 12, assim como novos representantes das mesmas regiões. O levantamento traz os resultados de 75 entrevistas realizadas com lideranças de áreas urbanas das regiões metropolitanas de Manaus, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas, Salvador, Joinville e Maringá.

As entrevistas da terceira onda do monitoramento foram realizadas entre os dias 06 e 16 de julho de 2020. Os resultados foram elaborados a partir do depoimento direto de 75 lideranças (de um total de 117 contatadas) que responderam perguntas padronizadas por meio de aplicativos de celular.

As lideranças e representantes comunitários são fontes estratégicas de informação, pois estão permanentemente mobilizados para enfrentar os problemas mais graves que atingem suas localidades. Em diálogo constante com a população, recebem demandas, gerenciam conflitos e possuem olhar mais integrado dos territórios onde atuam. Cabe registrar que a Organização Mundial da Saúde (OMS) ressalta a importância do engajamento comunitário para a efetiva comunicação dos riscos e do controle da epidemia em contextos locais, principalmente nas comunidades mais vulneráveis. Por seu conhecimento do território, por sua experiência e pela capilaridade de suas redes pessoais, as lideranças comunitárias exercem papel chave na disseminação de medidas de prevenção ao vírus e na construção de soluções alternativas aos danos econômicos e sociais da pandemia.

Este Boletim apresenta os resultados do processamento de duas perguntas abertas feitas a essas lideranças. A metodologia utilizada não prevê estímulo a temas ou problemas específicos porque um de seus objetivos é a captura de situações e eventos inesperados gerados pela crise atual.

A primeira pergunta realizada foi sobre a percepção de problemas e dificuldades enfrentados pelas comunidades em decorrência da pandemia e replicou a formulação utilizada nas duas ondas anteriores do estudo. A segunda pergunta, aplicada pela primeira vez nesse Painel, voltou-se para a identificação da percepção das lideranças sobre os impactos da flexibilização das políticas de isolamento social nos diferentes Estados da federação<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> As formulações foram: "As perguntas abaixo se referem aos possíveis problemas, conflitos e situações de dificuldade que surgiram ou foram agravadas por conta da pandemia do covid-19 e as políticas para sua contenção - como o distanciamento social, por exemplo. (i) Na última semana que tipo de problemas e situações a população da comunidade/território em que atua tem vivido? Por favor, relate os principais motivos pelos quais as pessoas têm lhe procurado ou os principais problemas que ficou sabendo que estão ocorrendo." (ii) Considerando que muitos estados brasileiros já estão implementando medidas de abertura e flexibilização do isolamento social, quais impactos podem ocorrer em sua comunidade por conta de tais medidas? Por quê?

## Resultados

A nova coleta de dados do Painel aponta que os problemas materiais causados pela pandemia – como fome e dificuldade de acesso à renda e emprego – figuram novamente como os mais citados entre as lideranças comunitárias de dez regiões metropolitanas do país. Cerca de 67% das lideranças trouxeram relatos sobre fome e privação de alimentação. O acesso a trabalho e renda segue como o segundo problema mais citado, além disso, permanecem as dificuldades de acesso ao Auxílio Emergencial do governo federal, apontado por cerca de 30% dos informantes, somadas agora às angústias da população pela incerteza de continuidade do benefício.

A percepção do aumento do contágio e do crescimento do número de óbitos continua nos mesmos patamares do levantamento anterior, o que reflete a permanência prolongada da epidemia no país.

Porém, novas dimensões da violência foram registradas e mostraram-se mais diversificadas e segmentadas nesta terceira coleta, com destaque para a percepção do aumento da violência doméstica, da violência decorrente da intensificação do uso de entorpecentes e das situações de conflito com a polícia.

Problemas associados às políticas de flexibilização das medidas de distanciamento físico ganharam relevo, especialmente quando relacionadas ao transporte público (super lotação) e às incertezas ligadas ao retorno às aulas presenciais.

Para 80% das lideranças comunitárias de 8 regiões metropolitanas foi generalizada a percepção de que as medidas de flexibilização do distanciamento trouxeram impactos negativos para a população; parcela bem menor, de 13,7%, visualizou impactos positivos da pandemia, ligados a maior possibilidade de geração de renda; e 5,5% indicaram que não haveria grandes impactos, sobretudo porque em suas regiões as medidas de distanciamento social não haviam sido aplicadas ou respeitadas.

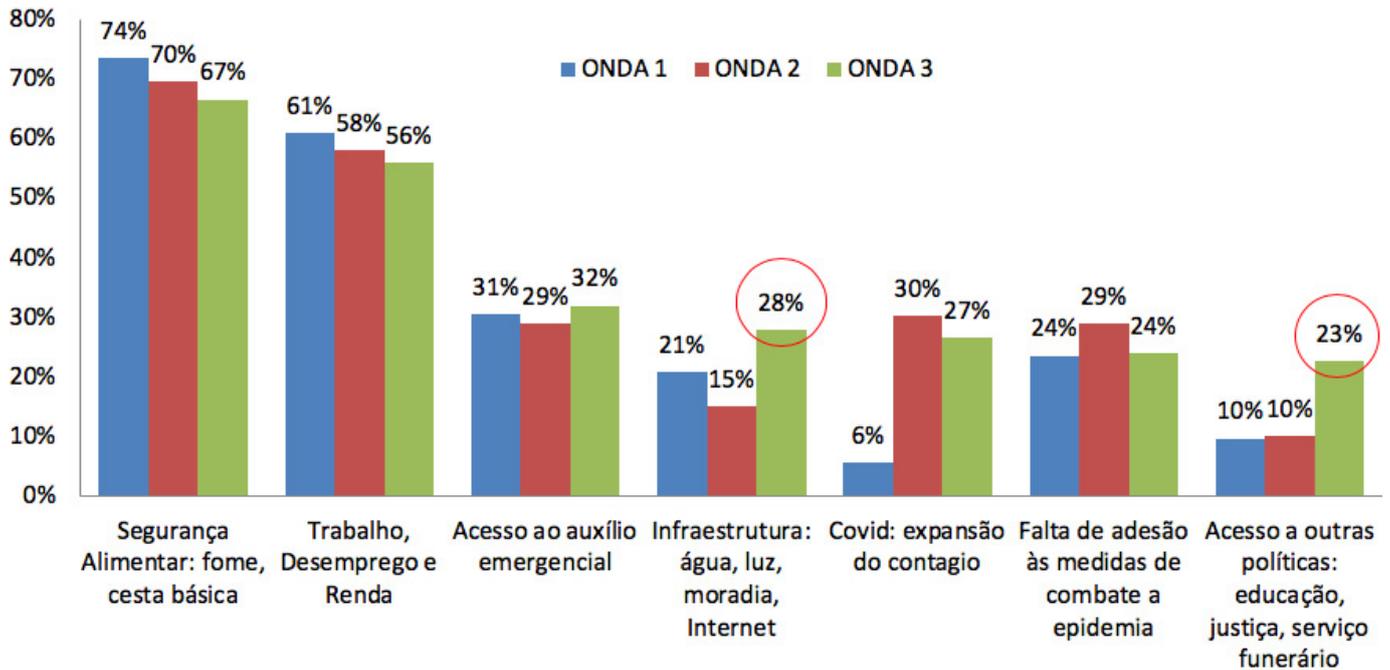
Entre os impactos negativos, vale destacar a percepção de que as medidas de flexibilização do distanciamento físico provocarão um agravamento da pandemia em seus territórios. Ao mesmo tempo, a flexibilização do distanciamento gerou respostas contraditórias: de um lado, a percepção de aumento do medo do contágio em parte da população, que recebeu cerca de 30% das menções de impacto negativo; e, de outro, aumentou a descrença na gravidade da pandemia, apontada por quase 20% dessas menções negativas.

Ainda que não tenha sido diretamente perguntado, as lideranças indicaram espontaneamente suas opiniões sobre o processo de implementação das ações de flexibilização em suas localidades. E 47% das lideranças criticaram a implementação das medidas de flexibilização e ressaltaram falhas nas ações de responsabilidade dos governos locais para garantir uma abertura segura para a população.

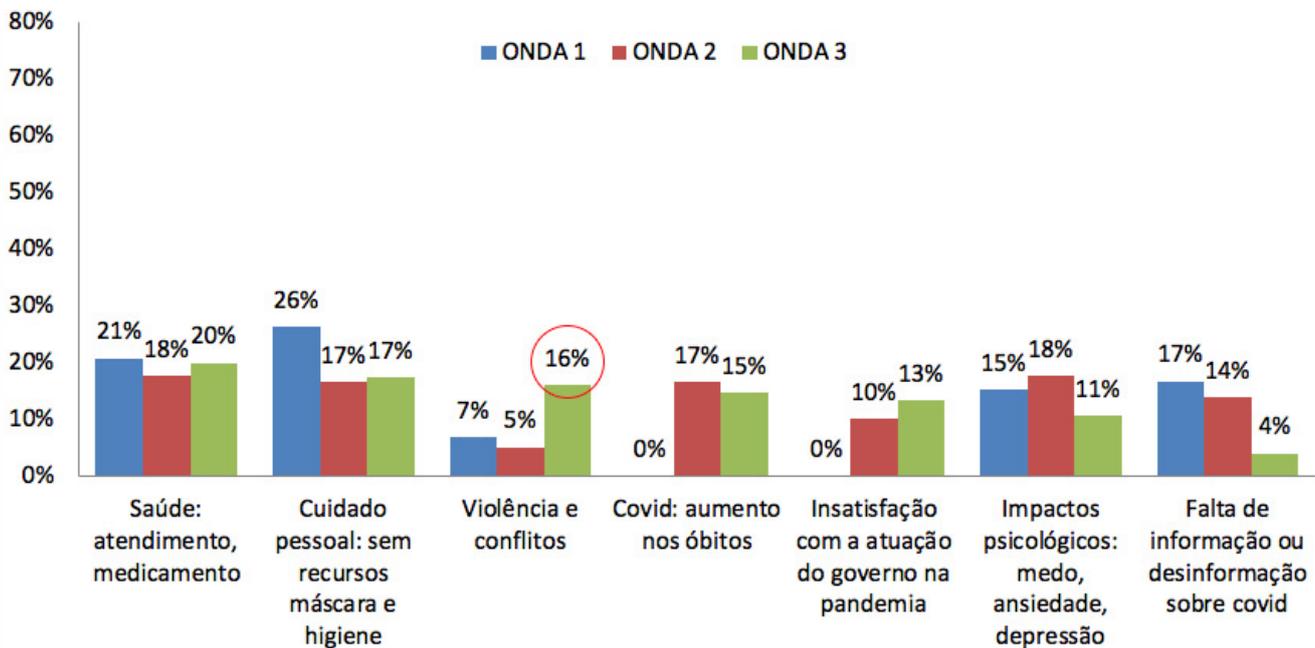
## Problemas enfrentados pelas comunidades durante a pandemia

Os gráficos a seguir apresentam os problemas mencionados nas três ondas do estudo e ajudam a ilustrar as mudanças de foco das lideranças e a variação das preocupações da população mais vulnerável nas localidades contatadas pela Rede.

**Gráfico 1 (1/2).** Problemas críticos vividos pelas comunidades durante a pandemia (%)



**Gráfico 1 (2/2).** Problemas críticos vividos pelas comunidades durante a pandemia (%)



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %.  
 Onda 1: 05 de maio a 11 de maio. N=72  
 Onda 2: 25 de maio a 06 de junho. N=79  
 Onda 3: 06 de julho a 16 de julho. N=75

## Problemas que persistem

A terceira onda da pesquisa revela que o enfrentamento das necessidades materiais causadas pela pandemia ainda é o principal problema que assola as comunidades. Questões referentes à

segurança alimentar (como a fome) e o acesso a trabalho e renda continuam sendo as dificuldades mais citadas pelas lideranças que compõem o Painel.

Na terceira onda duas em cada três lideranças (67%) relataram questões sobre segurança alimentar, como fome da população ou escassez de cestas básicas, como um dos principais problemas. A persistência desses problemas torna o quadro social cada vez mais crítico e piora as condições de enfrentamento.

Parte das lideranças aponta a redução do volume de doações de cestas básicas para o atendimento das famílias simultânea à expansão dessas solicitações por famílias que antes tinham melhor condição financeira e que, diante da crise, perderam suas reservas em relação a esse tipo de ajuda.

*"Os problemas mais enfrentados em nossa comunidade nessa pandemia, é a falta de alimentos e fome de muitas famílias, a dificuldade para comprar materiais de limpeza e higiene, remédios, gás de cozinha, fraldas descartáveis e leite para crianças até 1 ano..."*

**(Liderança comunitária Gamboa de Baixo – Salvador, BA)**

*"Não está chegando mais cesta básicas."*

**(Liderança comunitária do Morro do Coroa – Rio de Janeiro, RJ)**

*"Logo no segundo mês, ou seja, no mês de abril, final de abril, começo de maio, começou a busca por alimentação, que ela perdura, que ela continua. Claro que já em uma peneira, uma peneira um pouco diferenciada, mas que tem afetado pessoas que a gente jamais pensou que precisaria de cesta [básica]. Esse recorte seria pra dizer que aquela classe C, que tava bem financeiramente, tava equilibrada, essa tem sofrido bastante a consequência da questão da alimentação, então continua nos procurando."*

**(Liderança comunitária do Jardim Ângela – São Paulo, SP)**

O acesso a trabalho e renda segue como segundo problema mais citado pelas lideranças comunitárias que compõem o Painel. Assim como nas duas primeiras ondas do levantamento, cerca de 60% dos informantes mencionaram que a redução drástica da renda e o desemprego continuam afetando criticamente a população. Na última onda, contudo, surgiram relatos sobre situações de crise financeiras enfrentadas por outro grupo social, o dos pequenos comerciantes. Esse grupo, que não foi beneficiado pelo auxílio emergencial e tampouco foi contemplado por políticas que poderiam compensar o fechamento de seus comércios, já não dispõe de recursos mínimos para sobrevivência, nem encontra possíveis alternativas para retomar suas atividades.

*"(...) já as pessoas que estão trabalhando no seu comércio, autônomo, e tinha uma renda mensal razoável para atender às necessidades da sua família, hoje se encontra em dificuldade, pois o seu comércio foi fechado, e sua renda não está dando para atender as suas necessidades familiar, até as ações tanto do governo e prefeitura e ONG não está chegando a essas pessoas..."*

**(Liderança comunitária do bairro de Pina – Recife, PE)**

*"Os principais problemas continuam, falta de emprego, tem muitas pessoas que são informais e não estão conseguindo trabalhar..."*

**(Liderança comunitária distrito Floriano – Maringá, PR)**

Nos três monitoramentos, cerca de 30% das lideranças alertaram para as dificuldades de acesso ao Auxílio Emergencial do governo federal, com a persistência de problemas de cadastro, saque

e recebimento do benefício. Agora, a esse problema somam-se dúvidas e inseguranças diante da possibilidade de descontinuidade do programa.

*"Os principais problemas aqui identificados primeiro é ainda a demora do governo federal no pagamento do auxílio emergencial. Pessoas que já foram aprovadas mas que ainda não receberam o recurso..."*

**(Liderança comunitária Iputinga – Recife, PE)**

*"Auxílio do governo muitos não conseguem pegar, não tem a parte de documentação formada. Muitos não têm pego, e quem pega pra muitos o valor não dá. Então o pessoal fica na incerteza, meio que sem saber..."*

**(Liderança comunitária Campo Limpo – São Paulo, SP)**

*"(...) algumas informações muito sobre bolsa família, sobre o apoio emergencial da Caixa Econômica, que ninguém sabe onde vai parar. Isso as pessoas perguntam muito."*

**(Liderança comunitária do Morro do Coroa – Rio de Janeiro, RJ)**

O aumento do contágio, o crescimento do número de mortos e a insatisfação com as ações governamentais foram problemas graves registrados nos dois levantamentos anteriores e que se mantiveram nos mesmos patamares nesta terceira onda.

A falta de adesão às medidas de enfrentamento da pandemia também se manteve como problema apontado com incidência próxima à observada nas ondas anteriores do levantamento. Cerca de 24% das lideranças apontou essa como uma das principais dificuldades observadas em seus territórios de atuação. Nos levantamentos anteriores a incidência dessa categoria foi de 29% (onda 2) e 24% (onda 1). Ainda assim, vale pontuar que nessa onda foram mais recorrentes as menções sobre o descumprimento das medidas por parte dos jovens, consideradas como arbitrárias e desnecessárias, diferentes de outras situações também relatadas como resultantes da flexibilização, como a necessidade de retornar ao trabalho, por exemplo. De todo modo, independentemente dos motivos, a falta de adesão preocupa as lideranças sobre as consequências para a saúde da população.

*"Nas últimas semanas, tem aumentado a liberação de abertura de algumas coisas, mesmo que parcialmente. Isso tem impacto muito a periferia porque os jovens não estão respeitando: eles estão andando pra cima e pra baixo. Tem boteco que os caras não usam máscaras. A gente continua na luta."*

**(Liderança comunitária Capão Redondo – São Paulo, SP)**

*"E assim, não existe a questão do medo, mesmo vendo aqui porque aqui teve um pico muito alto de mortes, e pela questão da própria necessidade humana, não se teve essa preocupação, né. Essa questão do distanciamento que existe uma subcultura que isso é balela, que isso não funciona assim. Por mais que passe na TV todos os dias falando sobre o coronavírus, por mais que veja os noticiários ou até famílias e vizinhos morrendo, mas a necessidade fala mais alto."*

**(Liderança comunitária San Martim – Recife, PE)**

Por fim, a falta de informação e a desinformação sobre a pandemia foi o único tipo de problema relatado que teve decréscimo expressivo em relação às ondas anteriores: apenas 4% das lideranças entrevistadas mencionaram dificuldades nesse sentido.

## Novos Problemas

Apesar da estabilidade nas menções aos problemas mais críticos, como fome, desemprego, falta de renda e acesso ao auxílio emergencial, na terceira onda observa-se o crescimento da violência em diferentes dimensões.

Questões associadas ao aumento da violência foram mencionadas por 16% das lideranças, sendo que a porcentagem era de 5% na onda anterior. Essa percepção identificou pelo menos três tipos de violência: a doméstica, aquela decorrente do aumento de uso de entorpecentes pela população e os conflitos com policiais.

*"Dessa primeira, a gente já está fazendo um reparo de quanto a violência de gênero ficou mais reforçada nessa situação de isolamento social, né. Agora está reabrindo, né, mas ainda os serviços que atendem mulheres não estão tendo um pleno atendimento. A gente passou por uma situação há algumas semanas que foi justamente disso, uma moça pediu auxílio para receber uma acolhida para poder passar uma noite fora de casa porque estava sendo agredida pelo companheiro. E aí em tempos convencionais, a gente põe a mulher para dentro e já era, né, agora em época de isolamento social e risco de trazer uma contaminação para dentro de casa, a gente acionou as políticas públicas, né. Então ligamos no 180, que não atendeu, depois a gente entrou em contato com o serviço do território, o CDCM, e aí não tinha como fazer atendimento a não ser orientação à distância, e explicou o caso dela ir à noite para um abrigo que fica no centro da cidade de São Paulo. E aí nesse abrigo ela teria que ficar num cômodo para superar o período de risco de contaminação das outras mulheres que estavam em confinamento, para ver o tamanho que vira uma perversidade da violência de gênero, né."*

**(Liderança comunitária Cidade Tiradentes – São Paulo, SP)**

*"Então, no primeiro momento o que as pessoas mais têm reclamado no bairro sobre segurança, é um bairro que tem muito idosos, então, como a maioria fica em casa, quem começou a ocupar as praças, os espaços da escola e creche, foram os jovens, para atividades diversas, que envolvem sexo e uso de entorpecentes, então segurança tem sido a maior queixa, mesmo as pessoas estando em casa, começaram haver assaltos noturnos... Enfim, e era um bairro bem tranquilo..."*

**(Liderança comunitária Jd. Quebec – Maringá, PR)**

*"Nós estamos tendo muitos casos de violência policial. Policiais que estão entrando nas casas sem autorização. Sem nenhum mandato judicial. Entram nas casas dizendo que vão fazendo busca e apreensão de um jovem, de uma adolescente. Agredem as pessoas verbalmente, fisicamente. Se as pessoas ameaçam filmar, eles ameaçam agredir as pessoas, pegam os telefones das pessoas. Nas últimas semanas, temos tido muitas denúncias, inclusive pessoas em situação de rua e pessoas com algum tipo de deficiência. Então, sempre teve, né, aí no território, na periferia, casos de violência policial. Mas, devido ao isolamento, à pandemia, eles estão se apropriando desse discurso que as pessoas precisam ficar em suas casas e eles estão se utilizando do poder pra agredir as pessoas, pra ferir as pessoas".*

**(Liderança comunitária Sapopemba – São Paulo, SP)**

Outros problemas se intensificaram também em decorrência do atual estágio de gerenciamento da vida social na pandemia. Com o início da flexibilização de algumas atividades, problemas no acesso à educação e ao transporte público apareceram com maior frequência nos relatos. No caso da educação, foram relatadas desde demandas por equipamentos para acolher crianças e adolescentes já que os pais precisam retornar ao trabalho presencial, até dúvidas sobre as medidas

para um retorno seguro às aulas. Também foi registrada a preocupação com o aumento de evasão escolar resultante do longo período sem atividades e diante das dificuldades de acompanhamento do ensino remoto por falta de acesso à internet e a computadores.

*"Terceira preocupação é o retorno às aulas das escolas públicas, que traz o risco da segunda onda de contágio, e também a evasão dos alunos, ao retorno às aulas em breve."*

**(Liderança comunitária Coqueiral – Recife, PE)**

*"Um outro fator preocupante é a educação, pois as aulas ainda estão suspensas com uma vaga previsão para agosto que acredito não se cumprirá e com isto pela cultura que temos em áreas de periferia e maior dificuldade em acesso a internet teremos um inevitável prejuízo educacional na vida de muitas crianças e adolescentes."*

**(Liderança comunitária Morro do Meio – Joinville, SC)**

*"Com o retorno de muitas famílias ao trabalho, mesmo que informal, estou recebendo muito pedido de atendimento as crianças. As famílias muito pobres não têm como pagar alguém para olhar. Tem criança cuidando de criança, muitas ficando com fome, passando o dia comendo besteiras."*

**(Liderança comunitária Itaim Paulista – São Paulo, SP)**

O acesso ao transporte público foi mencionado pela primeira vez no Painel como um dos principais problemas das comunidades, muito associado ao retorno ao trabalho em condições precárias de mobilidade, com redução das frotas e consequente superlotação, o que amplifica o medo de contágio entre a população.

*"(...) hoje o maior dificuldades da população é o retorno precoce da volta ao trabalho, o transporte público e sem dúvida nenhuma as filas nas agências bancárias atrás de mais uma atrapalhada do governo, o auxílio emergencial, ou se quiser auxílio funeral."*

**(Liderança comunitária bairro A. E Carvalho – São Paulo, SP)**

*"Problemas: Dificuldade do distanciamento, casas pequenas pra muitas pessoas, e ônibus lotados."*

**(Liderança comunitária Morro do Papagaio – Belo Horizonte, MG)**

A persistência da crise, somada a escassez de renda, também amplificou problemas de infraestrutura recorrentes nessa terceira medição, como o abastecimento de água, aumento do custo de energia e o não acesso à Internet, que reduzem as alternativas para a sobrevivência no meio da crise.

*"Aqui no território as pessoas estão passando por uma determinada dificuldade que é a questão mais da água. A gente está com um problema gravíssimo em relação aos abastecimentos de água. Num processo desse de pandemia, como que a gente pode estar pedindo para as pessoas ficarem em casa, pedindo para as pessoas estarem se mantendo na higienização, de organização?"*

**(Liderança comunitária Ibura – Recife, PE)**

*"(...) agora a reclamação é as contas de luz que veio com preço abusivo e alguns não se tem dinheiro nem para comprar alimentos..."*

**(Liderança comunitária Capão Redondo – São Paulo, SP)**

*"Pois como pagar a luz e a internet para que as crianças possam continuar assistindo as aulas online? Mesmo que recebemos ajuda das ONGs mas, ainda nessa parte precisamos de ajuda pois a ENEL não quer saber, eles cortam sua luz."*

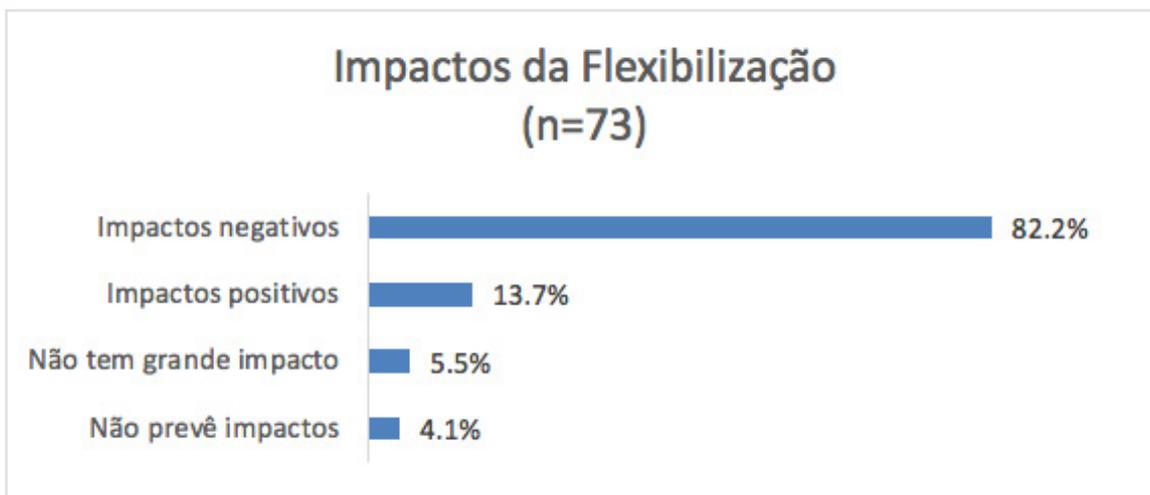
(Liderança comunitária Jardim Lucinda – São Paulo, SP)

## Impactos da Flexibilização das medidas de distanciamento físico

Este terceiro Painel perguntou pela primeira vez sobre os impactos das medidas de flexibilização do isolamento social nas comunidades das lideranças que integram o estudo<sup>2</sup>. Dos 73 líderes comunitários de 8 regiões metropolitanas do país que responderam a essa questão, 8 em cada 10 indicaram impactos negativos da flexibilização, entendendo, em sua maioria, que a flexibilização acarretará um agravamento da pandemia em seus territórios. Além disso, ainda que não tenha sido alvo da pergunta, esses líderes indicaram espontaneamente suas percepções sobre o processo de implementação das ações de flexibilização em suas localidades.

No que diz respeito aos efeitos da flexibilização nas comunidades, prevalece a percepção de que trará consequências negativas: 82,2% das menções coletadas realçaram impactos negativos. Por outro lado, 13,7% das menções apresentavam impactos positivos, 5,5% dos relatos expressavam a percepção de que a abertura não trouxe impactos substantivos e 4,1% não souberam indicar impactos para a flexibilização<sup>3</sup>.

**Gráfico 2:** Impactos da Flexibilização do Isolamento social nas comunidades



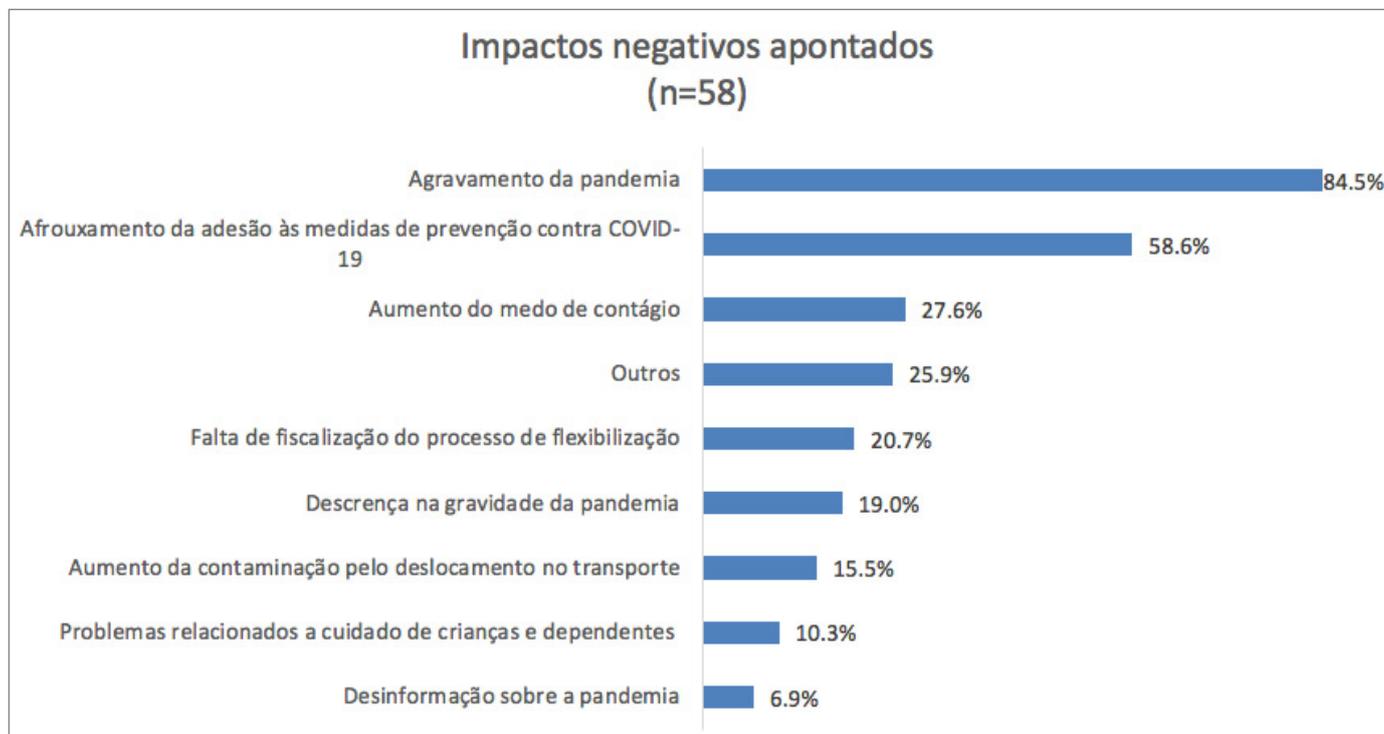
Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %.

<sup>2</sup> A pergunta realizada aos líderes foi: *Considerando que muitos estados brasileiros já estão implementando medidas de abertura e flexibilização do isolamento social, quais impactos podem ocorrer em sua comunidade por conta de tais medidas? Por quê?*

<sup>3</sup> Cada um dos líderes podia indicar diferentes tipos de impactos na mesma resposta. Um mesmo líder, por exemplo, podia expressar impactos positivos e negativos. Por essa razão, a somatória do gráfico não contabiliza 100%.

## Impactos negativos

**Gráfico 3:** Impactos negativos da flexibilização nas comunidades



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %.

Mais de 80% das menções coletadas na enquete apontam impactos negativos da flexibilização do distanciamento físico. Dentre elas, a consequência mais citada foi o agravamento da pandemia nessas localidades, com aumento do contágio, de óbitos e na lotação dos hospitais presentes em suas comunidades: 84,5% das referências a efeitos negativos da flexibilização expressaram essa percepção.

*"O impacto é o aumento de mortes, já que, em nosso território, tínhamos 133 óbitos e depois da flexibilização já estamos com 500 óbitos em poucos dias. Esse aumento deu-se pelo fato das pessoas acreditarem que tudo se normalizou e os cuidados foram esquecidos".*

**(Liderança comunitária do Tucuruvi – São Paulo, SP)**

*"Estamos aumentando e muito os números, pois no Sul o inverno agora está chegando também. Não teremos logo espaço em hospitais".*

**(Liderança comunitária da Zona 2 – Maringá, PR)**

*"O aumento [pois] as pessoas continuam morrendo, continuam contraindo o vírus, ainda não tem vacina, os hospitais ainda têm dificuldade, e estão liberando tudo. É um risco muito grande".*

**(Líder comunitário do Jardim Rodolfo Pirani – São Paulo, SP)**

A sensação de que a flexibilização veio acompanhada do afrouxamento da adesão às medidas de prevenção foi registrada em 58,6% das menções de impactos negativos. De acordo com os líderes comunitários, as pessoas passaram a desrespeitar as medidas de segurança sanitária individualmente, deixaram de utilizar máscaras em lugares públicos e passaram a promover

encontros e aglomerações, o que foi exemplificado pelo aumento de festas na comunidade. Esse afrouxamento também é percebido nos estabelecimentos comerciais, onde o impedimento da entrada sem máscara, oferecimento de álcool em gel e manutenção do distanciamento físico são medidas cada vez menos aplicadas e respeitadas.

*"O isolamento social que não era bom agora está pior, inclusive houve uma redução significativa de pessoas usando máscaras, o que contraria o primeiro da obrigatoriedade do uso. (...) Tememos por um novo surto pela banalização quase que generalizada do descaso com o vírus por parcela significativa da população e indicativas de flexibilização das autoridades".*

**(Liderança comunitária do Sítio do Berardo – Recife, PE)**

*"Muita aglomeração: bares, restaurantes, tudo funcionando. Por mais que tenha horário de funcionamento, no horário de funcionamento acaba tendo um pico. (...) as pessoas tão circulando e as ruas não estão sendo higienizadas como deveriam já que a circulação voltou ... nem os bares, nem o comércio ... você não percebe nenhuma [ação] nesse sentido. E, mesmo as mudanças preventivas antes usadas de álcool gel e tal, impedir a entrada, isso só está acontecendo nos grandes comércios, nos pequenos comércios isso não tem acontecido na Zona Sul".*

**(Liderança comunitária do Jardim São Luís – São Paulo, SP)**

Ao mesmo tempo, 27,6% dos relatos expressaram a percepção de aumento do medo de contaminação nas populações das comunidades. A flexibilização traz a sensação de maior exposição ao vírus e conseqüente aumento da apreensão e ansiedade.

Os impactos negativos apontados também envolvem problemas e dificuldades vindas da implementação das medidas de flexibilização. Nas menções a impactos negativos cerca de 20% apontam falta de fiscalização do uso de máscara e do cumprimento das medidas para abertura dos estabelecimentos em suas comunidades. Uma em cada seis menções de impactos negativos (15,5%) aponta para as aglomerações em transporte público, que colocam em risco a população. Além disso, 1 em cada 10 menções de impactos negativos citou a questão do cuidado de crianças em pelo menos dois sentidos. De um lado, foi mencionado o risco do aumento do contágio por conta da volta às aulas e a dúvida sobre a real capacidade das escolas de aplicarem medidas de prevenção e de proteção aos alunos; de outro, foram realçadas as dificuldades das famílias de cuidarem de suas crianças com a volta do funcionamento dos estabelecimentos comerciais, o que tem levado à busca de serviços informais ou à permanência de crianças sozinhas nos domicílios, dada a impossibilidade de atenção presencial.

*"Nem todo mundo tem estrutura de um carro para se locomover com mais segurança, então a retomada e flexibilização lota o metrô e os trens, e lotar os metrôs e os trens aí é ainda mais [provável] que a gente tenha mais notícia de gente infectada".*

**(Liderança comunitária de Cidade Tiradentes – São Paulo, SP)**

*"A população está preocupada, porque não tem essa estrutura para flexibilização que tem nos shoppings grandes e nos grandes estabelecimentos. Se você vai na periferia e abre o comércio, o cara não tá nem aí, entra sem máscara. Então aqui não tem esse controle efetivo, né?".*

**(Liderança comunitária do Jardim Ângela – São Paulo, SP)**

*"Com essa flexibilização e o retorno, o que pode acontecer é que muitas crianças não têm com quem ficar, né. Os pais e as mães estão retornando ao trabalho, muitas crianças não tem onde ficar. Com quem ficar? Porque as creches e escolas estão fechadas. Muitas acabam ficando com irmão mais velho ou até mesmo sozinhas".*

**(Liderança comunitária do São Remo – São Paulo, SP)**

Finalmente, entre os impactos negativos vale ainda destacar as menções de descrença sobre a pandemia, agravada pela flexibilização. Quase 20% das menções de impactos negativos apontaram a banalização ou descrença na gravidade da pandemia por conta da flexibilização, que aparece ligada ao afrouxamento da adesão às medidas de prevenção. A descrença é também acompanhada pela desinformação sobre a pandemia (6,9% das menções), vinculada à falta de coerência e desencontro de informações entre as medidas governamentais nas diferentes instâncias de governo.

*"O desencontro de informações, a campanha governamental de descrença na ciência e oportunismo de políticos locais nos gastos das verbas fizeram com que houvesse aglomerações e desrespeito às regras".*

**(Liderança comunitária da Zona 2 – Maringá, PR)**

*"O impacto que já ocorre é da disseminação da doença. Por muitos acreditarem que não existe mais perigo estão correndo aos shoppings e praias para se divertirem".*

**(Liderança comunitária do Brejo do Beberibe – Recife, PE)**

## Impactos Positivos

Em torno de 12,3% das menções coletadas expressam como positivo o processo de abertura. O principal aspecto citado pelas lideranças foi a retomada das atividades econômicas e profissionais daqueles que estavam impedidos de atuar durante o isolamento social. Essa volta teria efeito positivo no emprego e na geração de renda da população dessas comunidades.

*"Na minha opinião será melhor que possamos ir buscar o dinheiro necessário para começar a pagar as contas que acumularam no decorrer dessa pandemia. Na verdade, vejo até como algo positivo para a população da comunidade, pois vi muita família até querendo acompanhar as aulas, mas como fazer isso com sua internet cortada por atraso no pagamento?"*

**(Liderança comunitária do Jardim Lucinda – São Paulo, SP)**

*"A comunidade precisa viver. Ninguém aguenta mais o desemprego, a falta de comida. A gente precisa retomar as atividades e continuar se cuidando. Esse é o negócio".*

**(Liderança comunitária do Capão Redondo – São Paulo, SP)**

## Sem impactos substantivos

Cerca de 5,5% dos relatos coletados na enquete expressou a percepção de que a flexibilização não trará consequências substantivas às comunidades. O principal argumento foi o de que essas localidades enfrentavam enormes obstáculos para aderir às medidas de isolamento desde o início da pandemia e que, portanto, a abertura não acarretaria maiores impactos.

*"Aqui no Alto Vera Cruz não houve fechamento total dos estabelecimentos. Apenas nos 15 primeiros dias de pandemia que houve uma "meia porta". Mas no momento estão todos abertos e funcionando com as devidas precauções".*

**(Liderança comunitária do Alto Vera Cruz – Belo Horizonte, MG)**

*"Acredito que a abertura e a flexibilização do isolamento social não vai gerar muito impacto porque, mesmo antes de tais medidas, a comunidade se mobilizava para que, de alguma forma, pudesse trazer o sustento para casa".*

**(Liderança comunitária do Jardim Lucinda – São Paulo, SP)**

## Opiniões espontâneas sobre a flexibilização

Além das percepções sobre consequências e efeitos da flexibilização, foi possível captar opinião espontânea dos entrevistados a respeito do processo de abertura.

Quase metade (47%) dos relatos coletados apresentou opiniões negativas a respeito da atuação governamental frente à flexibilização. Essas críticas são direcionadas às falhas na implementação que não oferecem garantia de uma flexibilização segura à população. A falta de fiscalização das medidas de proteção, a insuficiência do transporte público e as aglomerações, a interrupção das iniciativas de conscientização/educação e das medidas sanitárias, como a distribuição de kits de higiene e limpeza das ruas, fechamento dos hospitais de campanha foram exemplos citados.

Aa críticas à implementação das medidas de flexibilização está frequentemente associada a uma opinião negativa quanto ao momento da abertura. Entre os que percebem problemas na implementação, quase um terço acredita que esse não era o momento de flexibilizar. Do total, esse grupo representa 16% dos líderes comunitários, que expressaram espontaneamente uma opinião negativa quanto ao momento de abertura e argumentaram que a epidemia ainda se encontra em estágio crítico.

*"Vemos que a flexibilização do isolamento não é nada mais nada menos do que uma forma de genocídio maquiado de novo normal! A conta vai ficar para nós, favelados, pagar".*

(Líder comunitário de Paraisópolis – São Paulo, SP)

*"Estamos sem Presidente e os governos tomando decisões pensando na eleição que está próxima. Abertura do comércio local e também Shopping Center precipitada apenas para atender aos empresários na véspera do Dia dos namorados".*

(Líder comunitário da Parada de Taipas – São Paulo, SP)

*"Até hoje a gente não teve nem a prefeitura, nem Estado e nem governo federal distribuindo uma cesta básica, álcool gel, sabonete, na favela da Coroa. Do começo até agora. Porque a pandemia ainda não acabou. Até o fim, vai ser assim. A gente tá esperando essa política que nunca chega".*

(Líder comunitário do Morro do Coroa – Rio de Janeiro, RJ)

## Recomendações

- É urgente a regularização da oferta de cestas básicas, uma vez que a segurança alimentar segue sendo o principal problema das comunidades vulneráveis, assim como a execução de medidas de proteção aos pequenos comerciantes.
- As decisões sobre a flexibilização do distanciamento físico precisam ser alvo de campanha de informação de modo a dar segurança na volta ao trabalho e na retomada das aulas.
- É preciso minorar a situação crítica das famílias que não têm como onde nem com quem deixar seus filhos na volta ao trabalho.
- O aumento do consumo de drogas e as situações de violência policial só diminuirão com a ampliação dos mecanismos de proteção social e diálogo aberto e franco com as comunidades e suas lideranças.

## O QUE É A REDE

Somos mais de 70 pesquisadores mobilizados para aperfeiçoar a qualidade das políticas públicas do governo federal, dos governos estaduais e municipais que procuram atuar em meio à crise da Covid-19 para salvar vidas. Colocamos nossas energias no levantamento rigoroso de dados, na geração de informação criteriosa, na criação de indicadores, na elaboração de modelos e análises para acompanhar e identificar caminhos para as políticas públicas e examinar as respostas que a população oferece.

A Rede de Pesquisa Solidária conta com pesquisadores das Humanidades, das Exatas e Biológicas, no Brasil e em outros países. Para nós, a fusão de competências e técnicas é essencial para se enfrentar a atual pandemia. O desafio é enorme, mas é especialmente entusiasmante.

E jamais seria realidade se não fosse a contribuição generosa de instituições e doadores privados que responderam rapidamente aos nossos apelos. A todos os que nos apoiam, nosso muito obrigado.

Visite nosso site: <https://redepesquisasolidaria.org/>

Siga a Rede de Pesquisa Solidária na redes sociais



## QUEM FAZ

### Comitê de Coordenação

Glauco Arbix (USP), João Paulo Veiga (USP), Fabio Senne (Nic.br), José Eduardo Krieger (InCor-Faculdade de Medicina USP), Rogério Barbosa (Centro de Estudos da Metrópole), Ian Prates (Cebrap, USP e Social Accountability International), Graziela Castelo (CEBRAP) e Lorena Barberia (USP)

**Coordenação Científica** Lorena Barberia (USP)

**Editores** Glauco Arbix, João Paulo Veiga e Lorena Barberia

**Doações e contato** [redespesquisasolidaria@gmail.com](mailto:redespesquisasolidaria@gmail.com)

**Consultores** Alvaro Comin (USP) • Diogo Ferrari (Universidade de Chicago) • Flavio Cireno Fernandes (Prof. da Escola Nacional de Adm. Pública e Fundação Joaquim Nabuco) • Márcia Lima (USP e AFRO-Núcleo de Pesquisa e Formação em Raça, Gênero e Justiça Racial) • Marta Arretche (USP e Centro de Estudos da Metrópole - CEM) • Renata Bichir (USP e CEM) • Guy D. Whitten (Texas A&M University) • Arachu Castro (Tulane University)

**Design** Claudia Ranzini

## Equipe responsável pela Nota Técnica No.17

**Coordenação** Graziela Castello (CEBRAP), Priscila Vieira (CEBRAP) e Monise Picanço (CEBRAP)

**Pesquisadores** Dafny Almeida (CEBRAP) • Daniela Costanzo (CEBRAP) • Jaciane Milanezi (CEBRAP) • Jonatas Mendonça dos Santos (USP) • Laura Simões (USP) • Leonardo Fontes (CEBRAP) • Rodrigo Brandão (USP).

## Instituições parceiras



## Instituições de apoio

